

## Curadoria do conhecimento

**Dimenstein** – Educação, comunicação e cidadania são conceitos interligados, e o que pode sintetizá-los é exatamente a noção de curadoria. Como as pessoas estão todas meio perdidas, nós lhes damos uma resposta.

**Cortella** – *Curar*, em português lusitano, é “pensar”. Em português se diz: “Você pode pensar este ferimento para mim?”. E pensar é ser capaz de cuidar. A era da curadoria é um momento em que organizamos os nossos espaços de convivência, de vida comum, estruturados em algumas instituições como a escola, os meios de comunicação, em que aquele que é o responsável por coordenar as atividades tem o espírito do curador, isto é, alguém que tem que cuidar para repartir, alguém que precisa proteger e elevar para tornar disponível, para as pessoas que ali estão, seja o conhecimento na escola, seja a informação em relação ao mundo digital. É a atitude de um curador. Não é um guardião porque este retém, não passa adiante; não é um guarda do museu, que não deixa o visitante chegar perto; não é um proprietário, que mantém a obra de arte dentro de casa. O curador não tem a visão de dono de uma propriedade, mas a visão integrante de um condomínio.

**Dimenstein** – Estamos assistindo a um processo darwinístico da informação. O indivíduo acessa o Google e vem um vendaval de possibilidades de informação. E isso só está aumentando, a atenção está cada vez mais dispersa. Vivemos numa era em que todos são ao mesmo tempo consumidores e produtores de informação.

Reside nesse ponto boa parte da crise da imprensa tradicional: o processo de comunicação gerou novos geradores de notícias. O leitor encara hoje a notícia como se estivesse olhando um caleidoscópio, tantas são as multiplicidades de uma mesma imagem. Afinal, ele recebe a notícia por redes sociais, já comentadas e curtidas. E, por causa dos algoritmos, canais como o Facebook sabem o que o leitor quer. Ou imaginam que quer. O filtro, portanto, foi diminuído. Antes, o jornalista era o sujeito que cantava

sozinho no palco diante da plateia. De repente, se viu no meio de um imenso coral. E, pior, com cada um cantando a própria música.

Justamente aí está o fundamento da era da curadoria. Não significa que seja apenas para o jornalismo, mas para a comunicação. Por que *curadoria*? As pessoas vão buscar se informar com pessoas de credibilidade. Pode ser um colunista, mas também um blogueiro que dá aulas em Harvard ou na USP. Se estou com dúvida sobre câncer, certamente melhor do que ler um jornalista que trata de mil assuntos, vou procurar, na internet, a visão de um médico especialista, que seja formado nas melhores faculdades. Portanto, o Google e o Yahoo, por exemplo, são apenas a porta de entrada que vai levar o indivíduo a um grupo de curadores que constitui uma espécie de universidade livre – porque não conseguimos imaginar a universidade do futuro com a sala de aula que existe hoje. Não conseguimos imaginar que o aluno vai chegar à escola e o professor vai lhe passar os conteúdos. Certamente será algo completamente diferente. Tanto que escolas como o MIT e Harvard já estão modificando a sala de aula. E outras novidades se impõem ainda: por que ir para a escola todo dia? Talvez a frequência possa ser reduzida para três ou quatro vezes. E quanto ao horário? Sem dúvida não haverá necessidade de ir sempre naquele horário prefixado. Agora já não conseguimos imaginar um mundo sem os curadores do conhecimento – presenciais ou virtuais. E a escola é essa casa de dúvidas... É preciso que o estudante tenha consciência de que, se quer fazer uma faculdade, como os conhecimentos estão todos disponíveis, ou ele se torna um curador ou não terá chance alguma.

**Cortella** – Estou imaginando o docente em sala de aula com espírito de curador, portanto, não como aquele que retém o conhecimento, mas como aquele que é capaz de ser formado para a curadoria.